

A outra lição das escolas

Professores e alunos vivem em permanente suspense

Rosalina Mateta

BANDOS, esquadrões ou gangs são algumas das denominações que recebem os grupos de jovens que, de forma organizada, vêm causando pânico em Luanda. As escolas são os seus alvos preferenciais e os alunos as suas presas fáceis. Tempos houve em que a incidência das suas acções era assustadora. Diariamente, chegavam aos ouvidos dos cidadãos relatos que davam conta de crimes cometidos por jovens delinquentes. À margem da lei, eles ameaçavam, feriam, com armas brancas ou de fogo, roubavam os pertences de alunos, espancavam e, algumas vezes, chegavam mesmo a matar. Nos últimos tempos, a onda de violência parece ter abrandado, havendo quem já pergunte por onde andarão os temíveis Alamea Squad, HDA e outros?

Mas, longe dos índices de violência registados nos anos anteriores, hoje, os alunos das escolas do II e III níveis ainda não se refizeram dos traumas. O medo e o receio de a qualquer momento ser vítima de um ataque persegue até professores e directores, pois, os marginais aplacaram, mas não desarmaram.

Relatos tristes, resultantes das suas práticas já conhecidas, ainda são contados. Escolas como Mutu Ya Kevela, Nzinga Mbandi, Ngola Mbandi e Ngola Kiluanji, que foram palco de cenas horrendas, às vezes, ainda são visadas. Os crimes já não ocorrem no interior destas muita coisa acontece.

Recentemente isto é, no segundo trimestre deste ano lectivo, chegaram ao conhecimento da direcção da escola Ngola Kiluanji 18 casos de alunos que foram ameaçados com armas brancas, aos quais delinquentes retiraram os seus haveres. No juventude em Luta, escola do III nível, o director adjunto, Camões, garante que todos os dias toma conhecimento de assaltos a alunos. Os mesmos, curiosamente, ocorrem sempre nas imediações do largo das Heroínas.

No Mutu, escola do II e III níveis, onde os delinquentes actuavam impunemente, a situação também melhorou consideravelmente. Há dois anos na direcção da escola, Marcelo Costa confessa: “ ainda encontrei sequelas da fase em que haviam tais grupos. Agora, a situação é branda. Convivemos com lutas entre alunos, Mas, para estancar isso, temos a protecção física sempre pronta para intervir. De resto a escola Mutu Ya Kevela apenas vive da fama.”

Nos últimos tempos, os cerca de cinco mil alunos sentem-se mais tranquilos, com a presença constante dos agentes da Brigada de Segurança Escolar (BSE). Mas ainda assim, não estão livres de tudo. Marcelo costa conta que, recentemente, um aluno foi roubado, quando sala da escola. Por sorte, a sua mochila foi encontrada pela Polícia, quando, no exercício do seu serviço público, deteve, casualmente, o meliante, que ainda mantinha na pasta os livros e a identificação do aluno. Infelizmente, nem todas histórias têm um desfecho feliz. Por isso, o trajecto de e para a escola ainda é feito com o coração aos sobressaltos. Daí, o facto de as direcções das escolas, por nós contactadas, não se cansarem de louvar a ideia da existência de elementos de protecção física nas escolas e, muito particularmente, da criação da BSE Bernardo Manuel, director da escola Nzinga Mbandi, há um ano, garante que nos anos passados a situação era péssima.

“Com o surgimento da BSE a situação normalizou, mas isoladamente, ainda continuam os ataques fora da escola”, sendo os períodos da manhã e tarde, em que estudam adolescentes dos 13 anos 17 anos, os mais preocupantes. À noite, segundo o director, “a situação é mais calma, porque estudam adultos e a responsabilidade é maior”.

Outro aspecto que levou a tranquilidade ao Nzinga é o facto de o governo provincial ter acabado com o comércio informal de bebidas e outros géneros defronte à escola. Por estas e outras razões, Bernardo Manuel diz que o “Nzinga Mbandi não é o centro da delinquência em Luanda”. Para ele, “devia –se prestar mais atenção para se apurar qual é a natureza e conduta desses grupos”; enquanto não se sabe exactamente o que move alguns jovens a práticas criminosas, o director do Nzinga, que tem sob sua responsabilidade cerca de seis mil alunos, acredita que “a desagregação familiar, o desamparo de algumas crianças, aliado ao “modus vivendi” que muitas delas encontram nas ruas, estimula os jovens a tais práticas”. Tendo em conta que alguns alunos são tentados, ou obrigados, a fazer parte das gangs, Bernardo Manuel acentua: “às vezes, converso com eles, por forma a garantir uma assistência psico-pedagógica”.